

Além das Cores: série de reportagens radiofônicas sobre gênero e sexualidade¹

Theyse Viana SANTANA²
Carolina Mesquita MELO³
Claryce Oliveira dos SANTOS⁴
Iury Figueiredo CAMPOS⁵
Nícolas Paulino Pinto MENEZES⁶
Edgard Patrício de Almeida FILHO⁷

RESUMO

A série de cinco reportagens radiofônicas “Além das Cores” busca suscitar o debate sobre problemas que afetam a população LGBT, visto que as discussões acerca das questões de gênero e sexualidade mostram-se cada vez mais relevantes na atual conjuntura social. Entretanto, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis continuam sendo alvos de preconceitos e discriminação, o que nos levou a refletir sobre a qualidade e o real impacto das coberturas da grande mídia acerca dessa temática. Nosso objetivo foi abranger o olhar sobre a comunidade LGBT enquanto parcela integrante da sociedade, mas que ainda enfrenta agressões a direitos humanos básicos – os direitos de crer, de trabalhar, de se relacionar e, acima de tudo, o direito de ser. Para isso, optamos por desenvolver cada tema relacionando-o a uma letra e, portanto, a um grupo incluído na sigla LGBT.

PALAVRAS-CHAVE: direitos humanos, grande reportagem, LGBT, radiojornalismo

INTRODUÇÃO

Um das questões de esclarecimento fundamental para iniciar qualquer discussão ou trabalho sobre gênero e sexualidade, seja teórico ou prático, é a diferenciação entre ambos os termos, construções sociais e culturais (LOURO, 2008, p. 17) desconhecidas por boa parte da sociedade. A identidade de gênero é a identificação psicológica do indivíduo com algum dos gêneros, masculino ou feminino, ou com nenhum dos dois. Essa identificação pode ser diferente do sexo biológico, como, por exemplo, no caso de um transexual homem, que nasce com o sexo biológico feminino, mas se percebe como pertencente ao gênero

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na categoria Jornalismo, modalidade Produção laboratorial em audiojornalismo e radiojornalismo (avulso/ conjunto ou série).

² Aluna líder e estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: theyseviana1@gmail.com

³ Estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: carolmtwo@gmail.com

⁴ Estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: claryceoliveira@outlook.com

⁵ Estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: iury-fc@hotmail.com

⁶ Estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: nicolaspaulinom@gmail.com

⁷ Orientador do trabalho e docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: edgard@ufc.br

masculino. Diferente do gênero, a sexualidade está relacionada à atração sexual, que pode ser pelo sexo oposto (heterossexualidade), pelo mesmo sexo (homossexualidade), por ambos (bissexualidade) ou por nenhum deles (assexualidade).

Em outras palavras, de forma sintética, Grossi (1998)

[...] diria que sexo é uma categoria que ilustra a diferença biológica entre homens e mulheres; que gênero é um conceito que remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade; que identidade de gênero é uma categoria pertinente para pensar o lugar do indivíduo no interior de uma cultura determinada e que sexualidade é um conceito contemporâneo para se referir ao campo das práticas e sentimentos ligados à atividade sexual dos indivíduos. (GROSSI, 1998, p. 12)

A confusão entre esses sentidos acontece, inclusive, durante o processo de autodescoberta de pessoas LGBT. Este processo para pessoas trans e travestis, por exemplo, cujas peculiaridades abordamos na primeira parte prática deste trabalho, é dificultado ainda mais por fatores externos, como o preconceito no ambiente escolar e a falta de conhecimento e informação da sociedade, que pode gerar situações graves de discriminação. Segundo levantamento realizado pela ONG Transgender Europe, o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo. Entre 2008 e 2015, foram 689 homicídios reportados à polícia.

Uma série de grandes reportagens radiofônicas foi proposta, então, como maneira de dar vazão a esses conteúdos e discussões. A série foi o produto de avaliação da disciplina Radiojornalismo II, do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, ministrada pelo professor Edgard Patrício. Numa primeira reunião desta equipe, foi decidido que o tema a ser trabalhado seria a população LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis. Como recorte, utilizaríamos os processos comuns ao desenvolvimento de qualquer pessoa dentro de uma sociedade: nascimento e identidade social, relacionamento familiar, engajamento numa religião, relacionamento amoroso e busca por espaço no mercado de trabalho.

Contudo, percebemos que tratar cada um desses recortes com todos os grupos englobados na sigla LGBT não seria possível, dado o limite médio de cinco minutos por reportagem estipulado pelo docente. Como solução, decidimos articular um recorte para cada grupo. Discutimos com o professor os possíveis direcionamentos desses temas, de modo a não torná-los simplistas, reducionistas ou repetitivos, apenas reproduzindo pontos de vista já trabalhados em reportagens da mídia tradicional.

Os cinco principais pontos, referentes à autodescoberta, às relações familiares, às religiões, aos relacionamentos e ao mercado de trabalho, abordados cada um em uma reportagem, foram escolhidos a partir da reflexão de que

[...] a família, as relações interpessoais e a relação comunidade e escola seriam priorizadas como possíveis espaços para se construir convivências positivas, em que os seres masculino e feminino não sejam esmaecidos, mas afirmados por respeito à individualização de cada sexo/gênero e por orientação coletiva por compromissos com os direitos humanos. (BREINES *et al.*, 2000 *apud* ABRAMOVAY, CASTRO e SILVA, 2004, p. 278).

Constatamos, entretanto, que as supracitadas “convivências positivas” e o “respeito à individualização” ainda são direitos raramente concedidos e constantemente buscados pela comunidade LGBT, em meio a estatísticas estarrecedoras e agressoras dos direitos humanos mais básicos: o de crer, de trabalhar, de se relacionar e, acima de tudo, o direito de ser.

JUSTIFICATIVA

Entre as regras básicas do exercício jornalístico, estão os critérios e noticiabilidade ou valores-notícia, os quais são, segundo Bourdieu (1997 *apud* Traquina, 2005, p. 77) "óculos particulares através dos quais [os jornalistas] veem certas coisas, e não outras, e veem de uma certa maneira as coisas que veem. Operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado." Entretanto, muitas vezes, esses recursos são utilizados apenas com a finalidade de sistematizar a rotina profissional da grande mídia, não sendo interpretados e aplicados em essência. Buscamos, acima de tudo, a importância e o aprofundamento da temática LGBT, visando possíveis desdobramentos positivos, como esclarecimento sobre o conteúdo a leigos.

Refletindo à luz de Traquina (2005, p. 78), utilizamos os valores “relevância” e “importância” como principais guias, tanto do processo de seleção como de construção (WOLF, 2003 *apud* Traquina, 2005, p. 78) dos conteúdos que apresentamos, visto que a temática protagonista da série “Além das Cores” atinge direta ou potencialmente as pessoas, seja a nível local, nacional ou internacional, pois há lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis no mundo todo. A relevância de um assunto a ser classificado como noticiável é, inclusive, ratificada por Luhmann (2005).

Selecionando e construindo conteúdos para mostrar às pessoas o quão imprescindível é observar as nuances da causa LGBT já pode se configurar como prestação de serviço (WOLF, 2003), mas, sobretudo na última reportagem da série, buscamos tornar públicos os direitos das pessoas afetadas pelos diversos tipos de agressão que mostramos.

Apresentamos, na ocasião supracitada, alguns dos principais canais de comunicação entre agredidos e autoridades competentes.

OBJETIVOS

Haja vista as problemáticas noticiadas diariamente acerca da população LGBT, objetivamos aprofundar questões intrínsecas ao convívio da sociedade com as diversas identidades de gênero e sexualidades, indo além da individualidade dos seres e buscando o que os cerca, os constrói, os reprime e os liberta. Para isso, precisamos estipular objetivos específicos dentro de cada reportagem, devidamente explorados na descrição do produto. Guiados pela reflexão de Stela Alves Caputo, entendemos que “se tivermos êxito, conseguiremos mais que informar a sociedade, conseguiremos fazer com que toda sociedade se questione junto conosco” (CAPUTO, 2006, p. 44).

METODOLOGIA

Para atingir os objetivos pré-definidos e tecer a série “Além das Cores”, foram percorridas duas etapas: a primeira, de pesquisa de dados expressivos sobre o tema e possíveis fontes; e a segunda, de produção técnica das reportagens. Em todas elas, houve o acompanhamento por parte do docente da disciplina e o apoio e aconselhamento de outros professores da Universidade, além do técnico do laboratório de rádio, Florêncio Neto.

No processo da definição das pautas, foram necessárias pesquisas aprofundadas em diversas fontes, uma vez que, apesar da relevância e da perenidade dos temas por nós tratados, poucos ainda são os estudos acadêmicos e governamentais oficiais sobre eles. Por isso, o desafio foi costurar os escassos dados encontrados com os relatos de nossas fontes, a fim de fornecer o quadro mais verossímil possível das situações que elas enfrentam no dia-a-dia e, ao mesmo tempo, levantar discussões importantes para os ouvintes leigos.

Segundo Prado (1989, p.85), a reportagem de rádio é um agrupamento de representações fragmentadas da realidade que, em conjunto, passam a ideia global acerca de um tema. Estas pistas fragmentárias se prendem a um fio condutor, que é o fato central. Partindo disso, em nosso planejamento, levamos em consideração que a reportagem radiofônica é um dos momentos em que o rádio pode sair do imediatismo e da instantaneidade dos fatos cotidianos, sendo capaz de desenvolver o aprofundamento da informação e levantar novas discussões e reflexões, para além da superficialidade.

A segunda etapa, a de produção técnica, envolveu a aplicação dos conhecimentos e técnicas de radiojornalismo para alcançar melhores resultados na apuração, na locução e na edição do conteúdo. Os roteiros e a execução foram planejados para serem dinâmicos e, ao mesmo tempo, contemplarem uma maior pluralidade de públicos – não só o jovem, que em maioria já tem conhecimentos prévios sobre o tema, mas principalmente o adulto –, o que possibilita o experimentalismo de formatos e novas possibilidades de uso da linguagem radiofônica. Isso porque as reportagens especiais

[...] dão a oportunidade de contar uma história em maior profundidade. Esse tipo de matéria tem pelo menos uma sonora, com repórter fazendo a ligação entre as diferentes partes do caso. Ela é, na verdade, uma notícia lida no estúdio e ilustrada com alguma gravação. Seu tempo pode ser de 35 segundos ou um pouco mais, contendo apenas uma sonora. (CHANTLER & HARRIS, 1998, p. 164).

Contudo, ao contrário do que afirmam Chantler e Harris, o experimentalismo da série “Além das Cores” está em priorizar os discursos das fontes. Tanto que nossos textos foram escritos somente após a captação de todas as sonoras, pensados na melhor forma de conectá-las e potencializar o conteúdo delas. Tentamos dar o mesmo peso tanto para as fontes oficiosas quanto para as oficiais ou especialistas, na contramão de redações radiojornalísticas tradicionais, que priorizam estas últimas em detrimento das primeiras.

Esse tipo de narrativa é percebida por José (2015, p.86) como “desviante” dentro do radiojornalismo. Isso porque, nas radioreportagens tradicionais, “a narração das fontes orais, depois de decupada e editada, é inserida para funcionar como prova de validade e, portanto, de credibilidade ao assunto tratado.” Ou seja, é apenas um suporte para a fala do locutor. No entanto, na série “Além das Cores”, “cada relato oral é uma experiência única e intransferível; quando as múltiplas vozes dos relatos particulares são devidamente associadas [...] em mosaico confeccionam o quadro de outra história, grande porque coletiva, de pequeno ou de grande grupo”. (JOSÉ, 2015, p. 86-87).

Por isso, as entrevistas não foram apenas um procedimento técnico de apuração, mas um meio de mergulhar na compreensão da história dos entrevistados. Embora as gravações tenham durado de dez a quarenta minutos, cada uma, seria impossível reproduzi-las integralmente. Daí a atenção descrita por Caputo (2006), de que “o jornalista costuma arrancar o fato da história e tomá-lo apenas como um fragmento” (p. 37). Tentamos, como ela teoriza, não mutilar os fatos observados de seu contexto, de sua história.

Já os textos foram escritos com base na linguagem falada, levando em conta que o rádio é um meio muito pessoal (CHANTLER & HARRIS, 1998), utilizando, na maior parte dos casos, a ordem direta e expressões de fácil entendimento, e explicando, quando

necessário, termos específicos do âmbito da comunidade LGBT, como foi no caso da transexualidade. Essa preocupação com a linguagem se deu pelas características de acessibilidade, clareza e concisão do rádio. Como destaca Ferraretto (2001, p. 24), “o texto radiofônico não deve ser nem excessivamente erudito nem excessivamente coloquial.”

Por vezes, para situar o ouvinte no cenário apresentado, foram utilizadas passagens referenciais, como no caso do atentado ao bispo Alan Luz, na terceira reportagem. No entanto, predominou a aplicação da função expressiva da linguagem, aliada principalmente aos personagens e às histórias de vida, com “reforço dos aspectos mais críticos, do lado emocional e da natureza conflitual” (TRAQUINA, 2005, p. 91, *grifo nosso*).

Tivemos bastante atenção nesses momentos, para evitar que o texto se tornasse clichê ou sensacionalizasse as experiências vividas. Por mais duras e difíceis que elas fossem à primeira escuta, não justificariam sua espetacularização. Portanto, priorizamos o distanciamento em relação a esses depoimentos, embora tenhamos destacado o caráter urgente das dificuldades enfrentadas pela população LGBT.

Na segunda e na quarta reportagens, consideramos importante ocultar a identidade de algumas das fontes. No primeiro caso, entendemos que, caso fosse veiculada, a reportagem poderia trazer constrangimentos às relações sociais daquelas pessoas. No segundo, porque as fontes solicitaram. Na decisão, fomos amparados pelo artigo 5º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros em vigor, que descreve: “é direito do jornalista resguardar o sigilo da fonte” (TÓFOLI, 2008, p. 12).

Por último, o processo de edição começou com a escolha dos trechos mais significativos das sonoras colhidas na apuração. Selecionados e agrupados com a locução, foi-se necessário pensar numa trilha sonora *background* para dinamizar a estrutura narrativa, ao mesmo tempo que fosse neutra. Essa preocupação se deu porque

A linguagem radiofônica engloba o uso da voz humana, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, que atuam isoladamente ou combinados entre si de diversas formas. Cada um destes elementos contribui, com características próprias, para o todo da mensagem. Os três últimos trabalham em grande parte com o inconsciente do ouvinte, enquanto o discurso oral visa o consciente. (FERRARETTO, 2001, p. 26).

A trilha sonora foi uniformizada em todas as cinco reportagens para dar ao ouvinte um sentimento de continuidade, afinal, “o princípio da estética sonora é, através de diretrizes técnicas e editoriais, ativar a memória do ouvinte e, através dela, explorar o vínculo emocional propiciado pela informação” (FREIRE & LOPEZ, 2012, p. 138). Por ser um formato mais longo e não possuir o apoio do recurso visual, a grande reportagem

radiofônica precisa criar recursos para que os ouvintes mantenham-se fiéis à série, tenham interesse em acompanhar o desenvolvimento dela e, por fim, compreendam o objetivo que se desejava atingir.

Na reportagem sobre gays e religiões, optamos por, no momento em que se fala da umbanda, trocar a trilha sonora padrão pelos tambores característicos dos rituais daquela religião. Endossados por Menezes (2007) entendemos que, na cultura do ouvir, existe o desafio de "ampliar a sensorialidade hoje limitada à visão" (p. 82), ou seja, ir além da racionalidade integrada ao "ver". Com isso, a sonoplastia de uma radiorreportagem tem o potencial de reconstruir paisagens sonoras já partilhadas no imaginário dos ouvintes.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Para condensar todas as nossas ideias e gerar uma identidade para a série radiofônica, precisávamos de um nome expressivo, que desse conta das diversidades abordadas e da profundidade com que almejávamos tratar do tema. Após um longo *brainstorming*, optamos pela expressão "Além das Cores". Para isso, partimos da figuratividade presente na bandeira da comunidade LGBT, um arco-íris multicolorido, reproduzida por diversos veículos como sinônimo de alegria e despojamento das pessoas pertencentes a essa comunidade.

Tal atribuição estereotipada do significado das "cores" para pessoas LGBT ignora, porém, as lutas diárias enfrentadas por essa parcela da população brasileira, sobretudo na busca pelo reconhecimento da própria identidade em diversos âmbitos da sociedade. Buscamos, então, ir além do superficial, contar histórias com o aprofundamento necessário para compreensão de parte da complexidade apresentada pela temática.

Na primeira reportagem, abordamos questões relacionadas ao processo de autodescoberta de pessoas transexuais, a letra "T" da sigla LGBT. Por meio de entrevistas com especialistas da psicologia e da assistência social, constatamos que a gradual construção da identidade de si é comum a todos os seres humanos, principalmente na infância. Para transgêneros, transexuais e travestis, pessoas que nascem com um sexo biológico diferente do que se identificam, essa construção é ainda mais complexa. O objetivo, nesse primeiro momento da série de reportagens, é mostrar quais os principais questionamentos, certezas, contentamentos e angústias envolvidos nessa fase da vida de pessoas trans, além de esclarecer, de forma introdutória, os conceitos de gênero e

sexualidade. A influência de fatores externos ao indivíduo em si, como a representatividade da família, do ambiente escolar e da sociedade, também foram tratados na abertura da série.

Na segunda reportagem, duas vertentes relacionadas à família foram tratadas no contexto de mulheres lésbicas, a letra “L” da sigla LGBT. Um dos focos abordados é a relação entre mulheres homossexuais e as diferentes recepções, de acolhimento ou rejeição, que tiveram de suas famílias ao assumirem a sexualidade. Em muitos casos, como constatamos durante a apuração, os maiores atos de discriminação são oriundos do ambiente familiar, gerando um cenário de instabilidade, sobretudo nas relações entre filhos e os pais cujo conceito de família atende a uma "tradição".

Outro ponto imprescindível é justamente o constante questionamento do conceito tradicional de família pela sociedade contemporânea. A ideia de que somente a união entre homem e mulher ou um deles e seus descendentes, estabelecida pelo Estatuto da Família⁸, atende aos moldes do que se chama de "família" mostra-se desatualizada e só fortalece o preconceito e a discriminação. Além disso, esse cenário contribui para o fortalecimento de uma cultura arcaica e homofóbica, visto que as várias dificuldades de socialização e aceitação envolvendo membros da comunidade LGBT não são enfrentadas apenas em ambientes públicos ou no convívio em sociedade.

Na terceira reportagem da série, nos propusemos a explorar como homossexuais são acolhidos em igrejas ou religiões do tradicional tronco judaico-cristão, majoritário no Brasil. Neste, estão incluídas a Igreja Católica e as igrejas evangélicas, que possuem dogmas pouco tolerantes em relação a essas pessoas. Além disso, conversamos com pessoas de uma igreja cristã inclusiva e com representantes da umbanda, religião de tronco africano que historicamente tem grande popularidade dentro da população LGBT.

Em meio a inúmeras discussões sobre formas de se relacionar e buscar a quebra de tabus, a quarta reportagem da série levanta questionamentos acerca da bissexualidade. Diante da diversidade de produções que têm como foco o público gay e lésbico, resolvemos aproximar essa questão de um grupo menos visibilizado e entender como os bis, a letra “B” da sigla LGBT, se relacionam, os preconceitos que ainda permanecem em suas vivências, as dificuldades em manter relacionamentos duradouros, e o mais importante, o entendimento básico sobre autodescoberta e comportamento dentro de relações amorosas no que tange à sexualidade.

⁸ Projeto de lei (PL 6.583/13) de autoria do deputado Anderson Ferreira (PR-PE), aprovado em outubro de 2015 pela Comissão Especial do Estatuto da Família na Câmara dos Deputados, que define oficialmente a família como a “união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou de união estável, e a comunidade formada por qualquer dos pais e seus filhos.”

Por fim, na quinta e última reportagem da série, sobre transexuais e travestis no mercado de trabalho, mostramos que a discriminação das pessoas LGBT em ambientes corporativos não é muito diferente. Diversos profissionais passam por constrangimentos diariamente devido à orientação sexual ou identidade de gênero, sendo obrigados, muitas vezes, a esconder a real sexualidade ou identidade nesses ambientes. O quadro se agrava quando o assunto são os transexuais. A maior parte das mulheres e dos homens trans possui dificuldades para conseguir emprego, ficando condicionados a outras formas de sustento. Pretendemos, então, expor tais constrangimentos, e procurar políticas públicas que tragam soluções para essas pessoas.

Considerações finais

Para Caputo (2006), quando um diálogo autêntico acontece, entrevistado e entrevistador saem alterados do encontro. A entrevista, portanto, torna-se uma experiência de olhar o mundo e ouvir o outro. Entre definição do tema e entrega das reportagens finalizadas, passamos por três meses de intensas discussões e reflexões sobre os assuntos ligados à comunidade LGBT. E, certamente, saímos modificados da experiência. Aprendemos a olhar o outro despidos de conceitos pré-concebidos e impostos pela sociedade que nos cerca, e que, de tão arraigados, muitas vezes passam despercebidos. Aprendemos que não só a agressão física machuca: palavras também. A simples utilização do artigo gramatical correto para um homem ou uma mulher trans já contribui para um melhor relacionamento com essas pessoas, que lutam diariamente por direitos humanos básicos negados tão somente pela resistência em se aceitar o diferente.

Acreditamos que o jornalismo, para além de um canal de notícias, é também um mediador da vida social. Contudo, não deve reproduzir discursos que estigmatizem e excluam pessoas divergentes dos “padrões” criados por uma minoria que acredita deter o poder simbólico sobre todos. Os meios que assumem a verdadeira seara investigativa e se aprofundam nos fatos sociais cumprem um importante papel como fiscalizadores e democratizadores da comunicação.

Com a intenção de cumprir essa função desde a universidade, encontramos no formato de grandes reportagens uma maior liberdade – e também a responsabilidade – para aprofundar informações sobre uma temática intrinsecamente ligada ao convívio social, porém ainda tratada com superficialidade pelos grandes meios de comunicação. Isso se tornou possível sobretudo pelo protagonismo que pudemos oferecer aos depoimentos de

peessoas LGBT, principais fontes e propósitos deste trabalho. Por fim, satisfeitos com os resultados, prosseguimos conscientes de que é preciso estimular novas discussões e reflexões para o exercício pleno do compromisso jornalístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

CAPUTO, Stela Alves. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica – 2ª ed.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FREIRE, Marcelo; LOPEZ, Débora C. **Linguagem radiofônica e jornalismo: um estudo das estratégias estéticas das séries de reportagens da Rádio Eldorado**. Logos (UERJ. Impresso), v. 18, p. 134-144, 2012.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Antropologia em Primeira Mão, Florianópolis, p. 1-18, 1998.

JOSÉ, Carmen Lucia. **Estruturas do documentário radiofônico: padrão e desviante**. NHENGATU , v. 2, p. 78-92, 2015.

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. Tradução de Ciro Marcondes Filho. São Paulo: Paulus, 2005.

MENEZES, José Eugenio de O. **Rádio e cidade: vínculos sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. Trad. Marco Antonio de Carvalho. 3ª Ed. São Paulo: Summus, 1989.

SEPAC - Serviço à Pastoral da Comunicação. **Rádio: a arte de falar e ouvir (laboratório)**. São Paulo: Paulinas, 2003.

TÓFOLI, Luciene. **Ética no Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Volume II. Florianópolis: Insular, 2005.

VIGIL, José Ignacio López. **Manual urgente para radialistas apasionados**. Bogotá: Paulinas, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.